

SOBRE A GEOPOLÍTICA DE SEGUNDO STORNI: RAÍZES EPISTEMOLÓGICAS DO SEU PENSAMENTO E PERCEPÇÃO DA POLÍTICA SUL-AMERICANA

Marcos Antonio Fávaro Martins
Mestre pelo Programa em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo
E-mail: marcosfavaros84@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de dissertar sobre a concepção geopolítica e o conceito estratégico nacional (CEN) implícito no discurso do vice-almirante argentino Segundo Rosa Storni (1876-1954). Para tanto foi analisado a concepção geopolítica apresentada no livro *“Interesses Argentino en el mar”* (1916). Nossa conduta consistiu em analisar o pensamento storniano segundo a relação de sua concepção com o pensamento geopolítico europeu e estadunidense; e as suas conclusões acerca dos princípios pelos quais devem ser organizados a defesa nacional. A conclusão a que chegamos é que Storni é um autor muito mais vinculado aos preceitos liberais de construção da nação argentina do que a um conceito estratégico integracionista, como querem afirmar uma ala dos seus comentadores contemporâneos.

Palavras Chaves: Segundo Rosa Storni; Pensamento Geopolítico, Conceito Estratégico Nacional.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo estudiar la concepción geopolítica y el concepto estratégico nacional (CEN) implícito en el discurso del vicealmirante argentino Segundo Rosa Storni (1876-1954). Para esto fue analizada la concepción geopolítica presentada en el libro *“Interés Argentino en el mar”* (1916). Nuestro método consistió en analizar el pensamiento storniano según la relación de su concepción sobre el pensamiento geopolítico europeo y estadounidense; y sus conclusiones acerca de los principios por los cuales debe ser organizada la defensa nacional. La conclusión a la que llegamos es que Storni es un autor mucho más vinculado a los preceptos liberales de construcción de la nación argentina que a un concepto estratégico integracionista, como quieren afirmar un ala de sus comentadores contemporâneos.

Palabras Claves: Segundo Rosa Storni; Pensamiento Geopolítico; Concepto Estratégico Nacional.

Introdução

Em 2016 os argentinos comemoram o centenário do que é considerada a sua primeira teoria geopolítica. Trata-se da concepção bi-hemisférica da *“Argentina Insular”*. Tal concepção foi formulada e apresentada ao público em junho de 1916 pelo principal intelectual da Armada Argentina, o Vice-almirante Segundo Rosa Storni (1876-1954).

Relembrado em diferentes momentos do desenvolvimento argentino, a obra de Storni ganhou sua última edição em 2009, pelo Ministério da Defesa argentino. Segundo a ministra da defesa, Nilda Garré (2009, p. 06), aponta Storni como um dos demiurgos do pensamento estratégico argentino e ressalta a sua importância e sua coerência para um projeto estratégico na primeira década do século XXI, marcada pelo esforço de integração sul-americana e pelo novo desenvolvimentismo.

Seria a atualidade de Storni, de fato, coerente com o momento presente? Nosso objetivo com este trabalho é responder essa pergunta. Para isso nós analisamos, na primeira seção deste trabalho, os grandes traços do pensamento storniano presente no livro *“Intereses argentinos en el mar”*; na segunda seção nós analisamos o Conceito Estratégico nacional (CEN) derivado de seu pensamento.

A conclusão que nós chegamos é que existe uma divergência entre os pressupostos lançados por Storni com o ideário integracionista que caracterizou os governos Kirchners em seus diferentes mandatos.

A concepção Storniana da “Argentina Insular”

O Almirante Storni foi uma das vozes influentes da Argentina sob o paradigma liberal-conservador. Apontado por GUGLIALMELI, (1978) como o primeiro formulador de um modelo geopolítico latino-americano, Storni, vai defender uma Argentina de prioridades atlânticas, de bom relacionamento com a Inglaterra e de pouco envolvimento com seus vizinhos da América Latina.

Militar de carreira, seus conhecimentos sobre a vida no mar eram amplos, uma vez que seu nome é lembrado no contexto das pesquisas oceanográficas e também da construção naval. Boa parte de suas preocupações estão vinculadas ao interesse de disseminar na opinião pública argentina aquilo que nós poderíamos chamar de uma *genuína consciência marítima*.

Em termos de contexto histórico, é importante lembrar que o nosso autor vive na fase mais próspera de seu país: depois dos seus primeiros cinquenta anos de guerra civil, a Argentina progrediu e se tornou um dos países mais ricos do mundo de então. O motivo do enriquecimento, ocorrido no prazo de uma geração, pode ser atribuído a condição de conciliação interna, a imigração de mão de obra qualificada da Europa e também a decadência do Brasil como potência continental.

A Guerra do Paraguai (1864 -1870) levou a decadência do Brasil e a promoção da Argentina no âmbito regional. A burguesia agropastoril argentina enriqueceu com a guerra, pois foi ela que forneceu suprimentos para as tropas brasileiras em luta no Paraguai (DORATIOTO, 2002). Tal geração ficou

conhecida como *Generación ochenta*, (GUGLIALMELI, 1978; MELLO, 1996) cujo declínio aconteceu apenas com a crise de 1929. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), a Argentina possuía metade da capacidade econômica e um terço do comércio exterior de toda América Latina (MELLO, 1996).

Tal riqueza, porém, não era oriunda de um parque industrial completo ou de um sistema bancário de importância mundial. Ela era produto, sobretudo, da exportação de cereal e carne bovina para a Europa, o que caracterizava uma situação de dependência econômica.

A geopolítica de Storni é fundamentalmente influenciada pela obra de Mahan. Ratzel e Vallaux vão aparecer esporadicamente em citações curtas. Pensando em sua grande estrutura, o que Storni fez foi discutir a vocação argentina em termos de política de poder e inserção econômica em um mundo marcado pelo livre comércio e pela supremacia naval britânica.

Considerando que os fenômenos fundamentais que determinam a natureza dos povos são a *produção*, a *circulação* e o *consumo*, e partindo de uma análise da posição argentina frente os grandes mercados mundiais, Storni vai afirmar que:

El territorio argentino vendrá a ser así, quizá el primer centro de abastecimiento del mundo. Nuestro comercio será casi totalmente marítimo y deberá tomar las dos vías: el Atlántico y el Pacífico. El intercambio con los países limítrofes por vía terrestre, será una alícuota muy pequeña, en comparación con el marítimo (STORNI, 1963, p. 48).

De tal proposição, três premissas vão marcar a geopolítica storniana, são elas:

Primeira: A Argentina, como dependente do comércio europeu, deve priorizar pela autonomia da construção naval, transportar suas mercadorias em uma marinha mercante autóctone e defender as linhas de comunicação marítima que ligam o país aos mercados europeus. Um plano de interiorização continental, ou uma iniciativa de aproximação com países vizinhos deveria ser sacrificado em prol deste objetivo marítimo e europeísta;

Segunda: O Estado argentino deve intervir a fim de mobilizar a opinião pública e todas as capacidades da nação para uma campanha em prol do desenvolvimento do poder marítimo argentino;

Terceira: A manutenção da paz no continente deveria ser garantida pelo gerenciamento, por parte da Argentina, de uma condição de equilíbrio de poder entre Argentina, Brasil e Chile.

Em “*Intereses argentinos en el mar*” Storni, formula um modelo teórico baseado na relação dialética entre as superfícies líquidas e das superfícies terrestres do globo, cuja resultante seria o

fenômeno de circulação mundial de mercadorias. Tal cosmovisão parte de uma visão hemisférica do mundo, onde as Américas aparecem como um eixo de separação do *hemisfério das águas* (Pacífico/Oceania) para o *hemisfério continental* (Atlântico/África/Eurásia). E isto é descrito fazendo-se uso de uma projeção cartográfica de Beythien (MAPA 01). Tal cosmovisão, é descrita por STORNI (1963, pp. 25-26) da seguinte maneira:

Cuando los hombres se convencieron de que la tierra era redonda, la sub-dividieron siguiendo consideraciones geométricas o astronómicas, y así, en la escuela, aún nosotros hemos sido obligados a discutir el hemisferio norte y el sur, el oriental y el occidental, las zonas, etc. Pero el estudio más atento, conjuntamente con las nuevas orientaciones en las ciencias geográficas, trajo subdivisiones más lógicas y útiles; teniendo en cuenta la naturaleza física de las partes. Así se nos muestra ahora, Por ejemplo, el hemisferio de las aguas y el de las tierras, clasificación que para nosotros, los argentinos, envuelve importancia suma (...). Por un lado se agrupa, se concentra toda la masa de los continentes, Europeo, Asia, África, las dos Américas; por el otro el extenso y solitario mar rodeando a Australia, a muchas otras islas de la Oceanía, al continente austral inhabitable y, casi íntegramente, al territorio argentino, con Chile su Paralelo, lanzados como cuña hacia el Polo Sur. Esta sola observación nos muestra que, contrariamente a lo que se enseña en la escuela, el territorio nuestro, además de los caracteres extremos o periféricos, reúne, del punto de vista de la geografía social, a lo menos, todos los caracteres de la insularidad.

Por esta concepção, a Argentina aparece como a extensão e retaguarda das economias europeias, responsável por zelar pelo seu lugar dentro da divisão internacional do trabalho, garantindo as comunicações atlânticas. O pouco interesse pela aproximação com as nações vizinhas, bem como pelos grandes projetos de interiorização do país, é uma característica necessária a promoção do poder marítimo. Isso afasta nosso autor de ser um pensador de algum tipo de pan americanismo. Diferente de outros pioneiros da geopolítica latino-americana, como é o caso de Carlos Badia Malagrida (1890-1937), Mário Travassos (1891-1973) ou dos grandes demiurgos da independência, como é sempre lembrado o caso de Simón Bolívar (1783-1830).

Ainda que não reconheça como estruturalmente belicosas as relações interestatais latino-americanas, não existe em seu texto ânimo o suficiente para subsidiar um pensamento latino americano integracionista, o que se verifica em várias alturas da leitura, especialmente nesta indagação: “¿ *Qué tenemos a nuestro alrededor? El mar, os países com los cuales nos conviene hermanar esfuerzos, pero de los cuales poço podremos recibir. Así, señores, puede afirmarse que la Argentina lo espera todo por La via marítima.*” (STORNI, 1963, p. 29).

Desta mentalidade deriva uma interessante proposta de organização territorial de uma *Argentina Talassocrática* cujo elemento articulador é a navegação de cabotagem, destinada a ligar os *hinterlands* portuários. O principal *hinterland* é o do porto de Buenos Aires, que se estende foz do rio do Prata adentro influenciando o Uruguai, Paraguai e Bolívia. Os *hinterlands* do sul, mais vinculados com a interiorização do território argentino, têm seus centros nos portos de Bahía Blanca, San Antonio (golfo de San Matías), Madryn (Golfo Nuevo) Comodoro Rivadavia (golfo de San Jorge) e San Julián y Gallegos.

Tal hierarquização tem como critério a polaridade comercial dos respectivos portos, sua posição relativa ao ecúmeno argentino da *Pampa Húmeda* e sua posição relativa aos grandes feixes de circulação marítima no cone sul (ver *mapa 02*). No caso de Buenos Aires, tal influência se estende além das fronteiras nacionais argentinas, chegando aos países do interior da bacia do Rio da Prata.

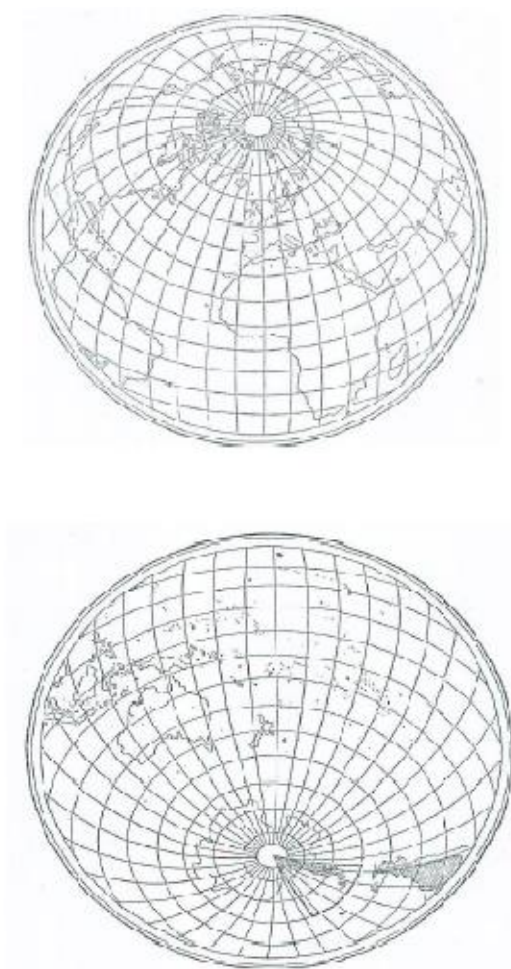
No entanto, o autor não vai desenvolver nenhuma ideia quanto a cooperação internacional na Bacia do Rio da Prata. A lealdade ao modelo de inserção subordinada e a crença nas capacidades organizadoras da marinha fazem o pensador vislumbrar um futuro de prosperidade e supremacia naval regional, que é assim descrita (STORNI, 1963, p.32):

Hay muchas naciones pequeñas, admirablemente situadas, que con el gênio y pujanza de su pueblo han dado una gran expansión a sus intereses marítimos; las naciones extensas y de posición oceánica como la nuestra, si consiguen desarrollar y fomentar esos esfuerzos, están destinadas a una influencia preponderante.

Ainda que seja mais evidente as influências de Alfred T. Mahan (2007) no panorama geral do discurso Storniano, é por demais perceptível a influência de Friedrich Ratzel (1975). Ratzel analisava a importância dos Estados segundo as categorias de “*Espaço*” (entendido como extensão territorial) e “*Posição*” (situação geográfica de um Estado frente outros Estados ou obstáculos geográficos).

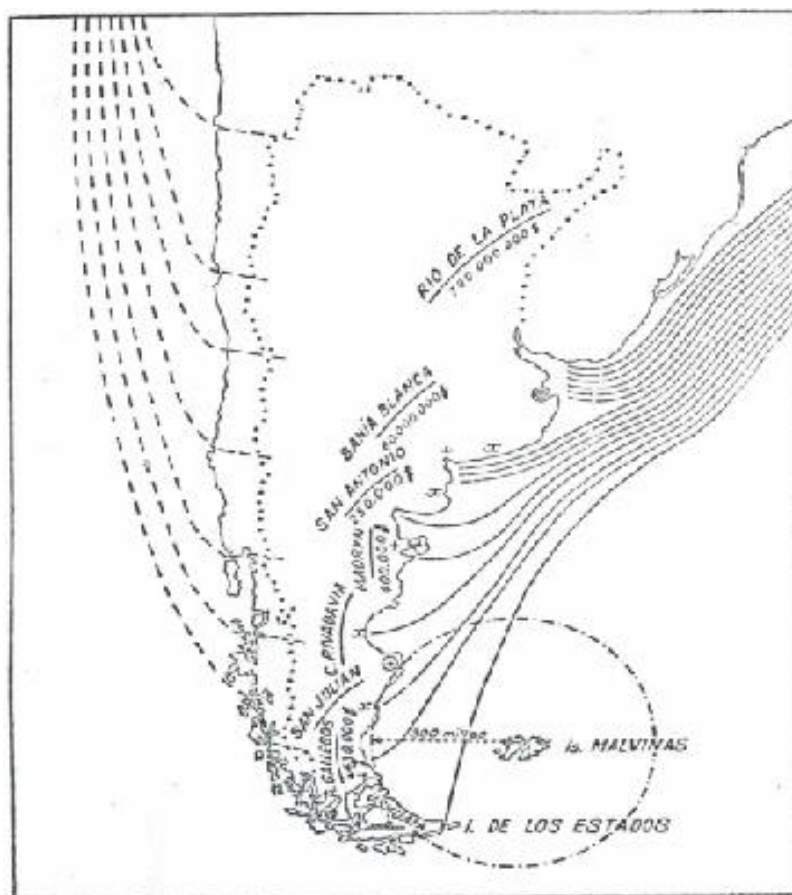
Assim ao contrapor a extensão do litoral argentino frente os grandes feixes de comunicação do Atlântico, Storni está sendo influenciado por Ratzel.

MAPA 01. A CONCEPÇÃO HEMISFÉRICA DE UMA ARGENTINA INSULAR



O planisfério bi-partido de Beythien evidência o fato – nem sempre perceptível em projeções mais usuais como a de Mercator ou Mollweide – de que o Oceano Pacífico e a Oceania formam um “hemisfério das águas” enquanto que as grandes massas continentais da Eurásia e da África formam um mega-bloco compacto ao leste das Américas. O âmago do pensamento de Storni está em argumentar que a Argentina tem mais ligações com este grande bloco do que com as próprias Américas. Tem-se então a necessidade de uma “Argentina insular”.

Fonte: STORNI, Segundo R. Intereses argentinos en el mar. Buenos Aires: instituto de publicaciones navales, 1967. Pgs. 27 e 28.



estaría aún lejos de ser decisivo; pero suponed que esse enemigo domine la boca del Plata, la vida del mayor hinterland comercial quedaría ahogada, y todos los sectores del sur verían gravemente dificultadas sus comunicaciones hacia el norte. Esto, a la vez que influir en nuestra defensa marítima, será una gran causa de unidad económica y política para siempre, si sabemos aprovecharlo. El conjunto del territorio argentino llegaría a formar um solo sistema defensivo marítimo, cuya llave estaria en la boca del Plata (STORNI, 1963, p.38).

Deste modo, conseguimos compreender que o almirante argentino prioriza para uma Argentina voltada para o mar, zelosa pelas suas linhas de comunicações marítimas com os mercados europeus. Em consequência disso a manutenção de uma condição insular para a república argentina, se faria ao custo de uma menor aproximação das nações vizinhas. Tal conclusão é convidativa para que exploremos o seu pensamento em matéria de defesa, o que vai ser feito no próximo item.

Esboço para um conceito estratégico nacional

A Geopolítica está preocupada com uma fórmula de dupla função: quer uma solução que traga a prosperidade para o Estado em tempo de paz, e a eficiência em tempo de guerra. Este entendimento se aplica bem, quando tratamos das ideias do almirante Storni. Se o seu pensamento contempla uma Argentina vinculada ao mundo ricardiano das vantagens comparativas, se ele defende a orientação do esforço nacional para a construção de uma república talasocrática no Atlântico Sul, devemos dizer também que o pensamento de Storni em assuntos militares segue as mesmas orientações.

As diretrizes estáveis pelas quais ganha estrutura a política militar de um Estado é o que nós chamamos de conceito estratégico nacional (CEN). Segundo Golbery do Couto e SILVA (1981, p.251), tal definição seria a seguinte:

(...) a diretriz fundamental que, em dado período, deve nortear toda a estratégia da Nação, com vistas da consecução ou salvaguarda dos Objetivos Nacionais a despeito dos antagonismos que se manifestem ou possam a vir manifestar-se, tanto no campo internacional, como até mesmo no âmbito interno do país.

Só pode fazer sentido o uso da palavra “estratégia” em situações onde existem “objetivos nacionais” e “disputa” entre Estados. Se dois Estados tem o mesmo objetivo e este não podem nem ser dividido nem ser possuído em regime de condomínio então a conduta estratégica é inevitável. Pensar a

conduta dos Estados em termos estratégicos é o mesmo que pensar a política sob a lógica “amigo/inimigo”.

Conceito estratégico nacional é o conjunto de valores que devem prover o Estado de entendimentos para que, todas as burocracias de segurança trabalhem em conjunto em caso de conflito. Ele é antes de tudo um elemento organizador do poder nacional, que facilita sua mobilização em circunstâncias excepcionais. Este núcleo deve ser formulado tendo com base as ameaças de curto e longo prazo, junto com uma análise de conjuntura das forças em disputa.

No caso dos geopolíticos, tal conceito é obtido a partir de mapas de caráter particular, cujo elemento chave é aquele mais permanente dos fenômenos sociais, ou seja, “a configuração geográfica dos territórios”.

Já foi dito sobre as considerações de Storni acerca da importância defensiva das linhas de comunicação marítimas para a salvaguarda do exulatório do Rio da Prata, principal hinterland do território argentino. Foi tratado também da importância do comércio internacional, principalmente do mercado inglês para manutenção da *prosperidade crescente* da nação argentina. Neste quadro de referências, devemos agora atentar para o conceito estratégico nacional implícito na obra de Segundo Storni.

Centremos nossas atenções para as três tradicionais questões de segurança que mobilizou a Argentina no século XX: ao Norte, a rivalidade histórica com o Brasil pela influência sobre os Estados mediterrâneos da América do Sul, pela satelitização do Uruguai, pelo aproveitamento energético e viário do Rio Paraná e também pelo problema fronteiriço de Missões; ao sul as questões dos domínios sobre os estreitos estratégicos com o Chile e, principalmente, um ponto que toca particularmente o orgulho nacional argentino, que é a questão da ocupação inglesa das ilhas Malvinas.

Historicamente o arquipélago das Malvinas foi ocupado por espanhóis, franceses e ingleses, que, simultaneamente anexaram as ilhas como parte de seu projeto de dominar a linhas de comunicação marítimas do Sul.

A trescientas millas, es decir, a um dia de navegación a lo sumo de la costa, y casi coincidiendo con el centro geométrico del amplio arco de círculo que describe La línea del litoral, a partir de Puerto Deseado hasta el Cabo San Juan, término oriental de la Isla de los Estados, se encuentran las Malvinas. Fueron ocupadas por los ingleses, prosiguiendo el gigantesco plan de flanquear y dominar todas las rutas comerciales del mundo. La del Cabo del Hornos y del Estrecho de Magallanes era una de ellas; pero su importancia comercial fue decayendo gradualmente en el siglo pasado y ahora puede asegurarse que el canal de Panamá le dará el golpe de gracia (STORNI, 1963, p.42).

Sem dúvida que a questão das Malvinas é o ponto mais notável e polêmico do pensamento de Storni. Se o autor é solidário ao modelo agroexportador argentino, se ele está ciente da necessidade da aliança com a Inglaterra para o funcionamento deste modelo, como pensar então na retomada das Ilhas? A resposta é simples: para Storni as ilhas simplesmente não precisam ser retomadas. O peso das relações econômicas com a Inglaterra tornam inviáveis qualquer tentativa de retomada do arquipélago e, neste particular, Storni tem um ponto de vista bastante benevolente no que toca o domínio inglês das ilhas:

Para evitar falsas interpretaciones debo manifestar que, a mi juicio, la experiencia de un siglo, a partir de 1807, prueba en forma continua la actitud favorable y benevolente del gobierno inglés hacia el pueblo argentino; y que se balanceamos los intereses de orden comercial, podemos ver, con la elocuencia de los números, hasta qué punto está ligada la economía argentina a ese gran foco de cultura y de consumo que se llama el Reino Unido. (...) La devolución de esas islas, sin menoscabar en lo más mínimo la grandeza y poderío británicos, despejaría la única nube en la amistad del pueblo argentino al pueblo inglés, que sería así prenda segura para siempre (STORNI, 1963, pp. 43-44)¹

Se o geopolítico argentino por conta do imperativo econômico não vai entender como um ponto crítico aos interesse estratégicos da Argentina a retomada das ilhas Malvinas, o mesmo não pode se dizer de sua postura com o Chile e o Brasil. Não que ele demonstre algum tipo de revanchismo a política imperial brasileira do século XIX. Mas ele entende que, pelo fato das linhas de comunicação marítimas argentinas passarem pelas costas brasileiras, (novamente MAPA 02) o Brasil e o Chile devem fazer parte do rol de adversários potenciais da Argentina.

A partir destas considerações e preocupado sobretudo em preservar o equilíbrio de poder continental, Storni vai tomar emprestado o conceito do *Two Powers Standard* desenvolvido pelo almirantado britânico no século XIX. Tal princípio preconizava que o número de vasos de guerra argentinos seriam suficientes para fazer frente a uma possível coalizão entre Brasil e Chile.

(...) tratando de los armamentos con relación a los de nuestros vecinos, sería una falsedad esquivar el importante punto de vista de su equilibrio relativo. Si fuera el propósito de la República Argentina atacar la política del two powers standard, se impondría: nuestras fuerzas navales deberían superar a las de Brasil y Chile reunidas. Promover la guerra sin haber llenado antes ese requisito podría resultar una locura. (...) Cuando alrededor del 1900 nuestra cuestión de límites cordilleranos llegó a su período álgido, conseguimos inclinar un tanto la balanza de las fuerzas navales chileno-argentinas en nuestro favor; la escuadra del Brasil era también inferior a la nuestra; la paz y la tranquilidad vinieron por varios años. Andando el tiempo, el Brasil se lanzó a nuevas construcciones, llegando a superar, con mucho, nuestras fuerzas; Chile quedó

¹ Este trecho foi excluído da edição do ministério da defesa de 2009, o que pode ser apresentado como uma situação de abuso editorial.

estacionado, pero el desequilibrio existía de hecho en el conjunto, y tuvimos otra vez la agitación. Esta produjo un nuevo y enérgico esfuerzo argentino: hoy nuestra flota de guerra, siendo sensiblemente superior a la del Brasil, es de todo punto superior a la chilena, y tenemos la paz y la amistad incommovibles. De ahí podemos sacar una regla de equilibrio de nuestras fuerzas, que sería confirmada si se analizara del punto de vista militar, teniendo en cuenta nuestra situación interna entre las dos fuerzas vecinas y que una de ellas domina las rutas de nuestro principal tráfico con el hemisferio continental. Esta regla sería "la flota argentina de mar debe ser tan fuerte hasta superar aisladamente a cada una de las flotas vecinas y hacer muy problemática su junción en caso de guerra". Cuando se razona sobre la experiencia y no sobre los sueños, se llega a idénticas conclusiones (STORNI, 1963, p.112-113).

Moniz Bandeira (2003, p.56) descreve que a Argentina era, desde a Guerra do Pacífico de 1879, as autoridades argentinas se imaginavam ameaçadas por uma possível aliança entre o Brasil e o Chile, o que obrigava o país a procurar apoio no Peru. Nessa condição, qualquer Estado do Cone Sul poderia se ver envolvido em uma guerra de duas frentes da mesma forma que um incidente fronteiro poderia pôr todo Cone Sul em Guerra.

Mas seria injusto da nossa parte atribuir a Storni alguma apologia ao expansionismo territorial. Ao contrário, ele em várias alturas do texto sinaliza para a importância da coexistência pacífica entre as potências sul americanas e fala também da importância da paz no continente para a prosperidade argentina: sabemos que tanto o Chile e principalmente o Brasil estão no meio das rotas argentinas para os mercados europeus e asiáticos, o que implica dizer que mesmo a guerra do Brasil ou do Chile com terceiros países traria transtornos para os interesses comerciais argentinos.

Um ponto em que o autor demonstra lucidez de pensamento diz respeito às consequências de uma guerra para a Argentina, principalmente envolvendo o Chile. Neste caso, a dimensão do teatro de operações, produto da extensão da fronteira entre os dois países, levaria ao envolvimento mútuo destes em uma ampla guerra de desgaste, numa campanha terrestre que consumiria as economias nacionais e tolheria a possibilidade do grande projeto nacional argentino de expansão e desenvolvimento do seu poder marítimo.

Si las relaciones con Chile hubieran de conducirnos a la guerra, ¿cuáles serían las consecuencias? La dilatada frontera terrestre nos obligaría por ambas partes a ingentes preparativos militares, que absorberían de tal modo los recursos, que los vitales intereses del mar tendrían que relegarse a segundo término. La historia nos muestra naciones como Francia, Holanda y sobre todo España, que vieron decaer su importancia marítima por las exigencias de las guerras continentales. La lucha entre Chile y la

Argentina, ¿qué podría producir al vencedor? Una gloria más y tal vez un pedazo de tierra; pero el odio quedaría establecido y la idea de "revancha" como un sentimiento, una aspiración arraigada del vencido. Estos esfuerzos de acción y de reacción nos obligarían a olvidar el camino del mar, que es el camino de nuestra común grandeza (STORNI, 1963, p. 109).

Pensando por este prisma, o conceito estratégico nacional implícito no pensamento de Segundo R. Storni tem um caráter inegavelmente dissuasivo, caracterizado pela manutenção de uma quantidade de navios de guerra como elementos desta dissuasão. Em nenhuma linha de seu livro é demonstrada a simpatia pela anexação de territórios de países vizinhos, o que seria custoso para o próprio desenvolvimento do poder marítimo argentino.

Para resumirmos o conceito estratégico de Storni, temos que dizer que ele se mantém sob dois pilares: a dissuasão do Brasil e do Chile pela implementação do modelo inglês do *Two Powers Standart* e o conformismo em relação à presença britânica nas ilhas Malvinas, o que ainda precisa ser mais bem discutido.

Se julgarmos segundo valores estritamente passionais parece-nos deplorável o conformismo de Storni com relação as ilhas Malvinas. Talvez devêssemos ir além: mesmo segundo um jugamento estritamente técnico a presença britânica nas ilhas revela seus perigos: as Malvinas não só servem de base para o controle das rotas do Atlântico Sul como também servem de cabeça de ponte para qualquer iniciativa britânica de ocupação e colonização da Patagônia ou da Antártida. Considerando essa hipótese, materialmente possível já nos inícios do século XX, o que mais dizer do pensamento de Storni?

Como princípio de grande estratégia os objetivos militares de um Estado não podem contradizer os objetivos econômicos. Se a guerra com a Inglaterra significa a desarticulação da Argentina com o seu principal mercado consumidor, então está é uma guerra inviável sob qualquer hipótese, o da “derrota” ou “da vitória”.

Desta maneira Storni apresenta um pensamento estratégico organizado, coincidente com a mentalidade das elites de sua época e com o próprio projeto nacional argentino. Porém é este um pensamento contrário aos ideais de autonomia nas relações internacionais.

Considerações Finais

Como ficou claro nas páginas precedentes, o pensamento geopolítico storniano deriva de uma visão simpática ao ordenamento centro/periferia que prevaleceu entre as elites agro-exportadoras da

Argentina de segunda metade do XIX. Dessa mentalidade deriva um conceito estratégico que prioriza para uma conduta dissuasiva em relação ao Brasil e ao Chile.

Essa é uma conduta muito mais vinculada aos problemas de segurança derivados do processo de formação do Estado Argentino do que às iniciativas para a integração, que tiveram como ponto partida as administrações Saenz Peña (1910-1914), mas que só frutificaram de fato após a década de 1980.

Os governos Kirchners deram especial atenção para o problema nacional das Ilhas Malvinas, o que é outro ponto de divergência com as ideias de Storni. Neste particular, os últimos governos desesenvolvimentistas da Argentina buscaram amparo político na América do Sul, fundamentalmente no Brasil, seguindo um conceito fundamentalmente avesso àquele proposto pelo vice-almirante em junho de 1916.

Por todos esses motivos, Storni deve ser apresentado como um representante do pensamento liberal que deu base intelectual para o Estado argentino na primeira metade do século XIX.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos – Conflito e integração na América do Sul (Da tríplice aliança ao Mercosul 1879-2003)**. (2ed). Rio de Janeiro: Revan, 2003.

COUTO E SILVA, Golbery do. **Conjuntura política nacional o poder Executivo & Geopolítica do Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra – Nova história da guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia de Letras, 2002.

GARRÉ, Nilda Celia. Actualidad del mensaje de Segundo Storni (prefácio). In: Storni, Segundo Rosa. **Intereses Argentinos en el Mar**. (04 ed. 01 imp). Buenos Aires: Armada Argentina, 2009. Disponível em: <www.institutostorni.com.ar> Acesso: 24 set. 2012.

GUGLIAMELLI, Juan Enrique. **Geopolítica del cone sul**. Buenos Aires: Editora El Cid, 1978.

MAHAN, Alfred Tayer. **Influencia del poder naval en la historia**. Madri: Ministerio de defensa, 2007.

MELLO. Leonel Itaussu. **Argentina e Brasil – A balança de poder no Cone Sul**. São Paulo: Annablume, 1996.

RATZEL, Friedrich. Ubicacion y Espacio. In: RATTENBACH, Augusto Benjamín. **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1975, pp. 13-52.

SANTOS, Norma Breda dos. A geopolítica Argentina. In: **Política e Estratégia**. São Paulo: Convívio, v.05, n.01, 1987.

STORNI, Segundo Rosa. **Intereses argentinos em el mar**. 3ed. Buenos Aires: instituto de publicaciones navales, 1967.

STORNI, Segundo Rosa. **Intereses Argentinos en el Mar**. (4o ed. 1o imp). Buenos Aires: Armada Argentina, 2009.

Disponível em: <www.institutostorni.com.ar>. Acesso: 24 set. 2012.